



“Cada igreja é uma escola”: a influência missionária na Educação Religiosa batista brasileira na década de 1960.

Vitor Hugo Quima Corrêa¹

Resumo: Este estudo investiga a influência dos missionários estadunidenses da Foreign Mission Board (FMB) na formação da Educação Religiosa das igrejas batistas brasileiras na década de 1960. A pesquisa busca identificar como esses missionários, em parceria com o movimento dos Neopioneiros, sistematizaram um modelo de Educação Religiosa que serviu para consolidar um padrão identitário batista conservador no Brasil. Utilizando uma abordagem qualitativa, a pesquisa analisa o texto “Programa de Educação Religiosa” (1967) e seu contexto de produção, além de fontes como a imprensa denominacional e trajetórias de vida dos agentes envolvidos. A hipótese é que a Educação Religiosa foi instrumentalizada para a reprodução de um determinado padrão identitário batista, ocupando um lugar central no trabalho eclesial da época. Os resultados esperados contribuirão para uma melhor compreensão da formação da identidade batista no Brasil, evidenciando o papel fundamental da Educação Religiosa nesse processo e as dinâmicas de poder envolvidas. A pesquisa se insere na perspectiva da Nova História Cultural, analisando como um fenômeno religioso específico foi construído e se inseriu na dinâmica cultural de uma determinada época.

Palavras-chave: protestantismo; Igreja Batista; Educação Religiosa; missionários; identidade religiosa.

“Every church is a school”:

the missionary influence on Brazilian Baptist Religious Education in the 1960s.

Abstract: This study investigates the influence of American missionaries from the Foreign Mission Board (FMB) on the formation of Religious Education in Brazilian Baptist churches in the 1960s. The research seeks to identify how these missionaries, in partnership with the Neopioneiros movement, systematized a model of Religious Education that served to consolidate a conservative Baptist identity pattern in Brazil. Using a qualitative approach, the research analyzes the text “Programa de Educação Religiosa” (1967) and its production context, as well as sources such as the denominational press and the life trajectories of the agents involved. The hypothesis is that Religious Education was instrumentalized for the reproduction of a certain Baptist identity pattern, occupying a central place in the ecclesiastical work of the time. The expected results contribute to a better understanding of the formation of Baptist identity in Brazil, highlighting the fundamental role of Religious Education in this process and the power dynamics involved. The research was based on the perspective of the New Cultural History, analyzing how a specific religious identity was constructed and inserted into the cultural dynamics of a given era.

Keywords: protestantism; Baptist church; religious education; missionaries; religious identity.

¹ Doutor em História pela UERJ. Professor da Secretaria Municipal de Educação, Rio de Janeiro/Rio de Janeiro, Brasil.
ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-6769-9260>
E-mail: vitorhq@gmail.com



“Cada iglesia es una escuela”:

la influencia misionera en la Educación Religiosa Bautista Brasileña en los años 1960.

Resumen: Este estudio investiga la influencia de los misioneros estadounidenses de la Foreign Mission Board (FMB) en la formación de la Educación Religiosa en las iglesias bautistas brasileñas en los años 1960. La investigación busca identificar cómo estos misioneros, en colaboración con el movimiento Neopioneros, sistematizaron un modelo de Educación Religiosa que sirvió para consolidar un patrón de identidad bautista conservador en Brasil. Mediante un enfoque cualitativo, la investigación analiza el texto “Programa de Educação Religiosa” (1967) y su contexto de producción, además de fuentes como la prensa confesional y las trayectorias de vida de los agentes involucrados. La hipótesis es que la Educación Religiosa fue utilizada para reproducir un determinado patrón identitario bautista, ocupando un lugar central en el quehacer eclesiástico de la época. Los resultados esperados contribuyen a una mejor comprensión de la formación de la identidad bautista en Brasil, destacando el papel fundamental de la Educación Religiosa en este proceso y las dinámicas de poder involucradas. La investigación se insertó en la perspectiva de la Nueva Historia Cultural, analizando cómo una especificidad religiosa fue construida e insertada en la dinámica cultural de una época determinada.

Palabras clave: protestantismo; iglesia Bautista; educación religiosa; misioneros; identidad religiosa.

Introdução

Este artigo faz parte de uma pesquisa maior que resultou na tese “A construção de uma identidade: a Igreja Batista da Chatuba no neopioneirismo (1958-1969)”, defendida no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), pelo autor em 2023. No presente trabalho pretende-se analisar como os missionários da Foreign Mission Board² atuaram na sistematização da Educação Religiosa das igrejas da Convenção Batista Brasileira (CBB) na década de 1960 e suas possíveis consequências para as igrejas batistas no Brasil, ao se identificar os agentes, seus meios de atuação e a relação com o contexto social, político e religioso da época.

Existem diversas obras sobre a história dos batistas no Brasil. Podemos dividi-las em dois grupos. O primeiro, e mais antigo, é formado pelas obras escritas pelos historiadores da denominação, onde se destacam autores como Antonio Neves de Mesquita, Asa Routh Crabtree e José dos Reis Pereira. O segundo é o das obras escritas por historiadores profissionais ou resultado de pesquisas acadêmicas realizadas em Programas de Pós-Graduação, especialmente a partir dos anos 2000. Dele destacamos Leonardo de Alvarenga, Luciane de Almeida, Fábio Py Murta de Almeida e Adroaldo José Almeida. O primeiro grupo, fazia uma história de caráter triunfalista, heroico e que destacavam aqueles que estavam no centro de poder. Já o segundo se preocupa com elementos geralmente silenciados pelo grupo anterior como os conflitos, as crises e as relações com o poder instituído. Ambos os grupos reconhecem a importância dos missionários estadunidenses na formação e consolidação do trabalho batista no Brasil. Contudo, eles se silenciam ou tratam de forma superficial sobre como era essa atuação se deu na segunda metade do século XX.

² Em português: Junta de Missões Estrangeiras. Órgão da Southern Baptist Convention (SBC), criado em 1845, responsável pela realização das atividades missionárias desta convenção fora do território dos Estados Unidos. Em 1997, foi renomeada para International Mission Board. Como sua sede fica na cidade de Richmond, no estado da Virgínia, entre os batistas brasileiros ela ficou conhecida como Junta de Richmond. Neste trabalho, optamos por manter o nome oficial utilizado na época.



A hipótese a ser verificada neste estudo é de que os missionários estadunidenses além de apoiarem o movimento conservador³ dos Neopioneiros⁴, em um momento de disputas no interior da denominação e na sociedade entre forças conservadoras e progressistas, foram os principais agentes no estabelecimento, na consolidação e no fomento de um modo de Educação Religiosa que serviu para reproduzir um determinado padrão identitário batista, de caráter político e religioso conservador, no Brasil, na década de 1960. Formado simultaneamente com o aperfeiçoamento na sistematização da Educação Religiosa, este padrão identitário foi institucionalizado e marcou visivelmente a existência dos batistas brasileiros⁵ enquanto grupo sociorreligioso. Ainda que esse padrão pudesse, muitas vezes, fugir ao que fosse realmente praticado nas igrejas locais. Na racionalização, consciente e planejada, do trabalho eclesiástico batista brasileiro da época, a Educação Religiosa foi entendida como um elemento essencial, o que a fez ocupar uma posição privilegiada na denominação e no cotidiano das igrejas locais.

A hipótese será testada a partir de uma abordagem qualitativa do texto norteador das mudanças na Educação Religiosa batista da época, a obra “Programa de Educação Religiosa”, publicado originalmente em 1967, pela Casa Publicadora Batista. Assim, como pela reconstrução de suas condições de produção, especialmente seu contexto imediato e na relação estabelecida com outros textos e com o discurso conservador da época (Cf. LE GOFF, 2003, p. 537-538; ORLANDI, 2009, p. 30-34). Para tal, também serão considerados como a imprensa denominacional do período, e posteriormente, encarou as mudanças educacionais e a trajetória de vida dos principais agentes e atores envolvidos. Este trabalho se aproxima do elemento religioso e das disputas de poder que o envolvem partir da perspectiva da Nova História Cultural cuja base teórica é dada por Roger Chartier que em sua obra *A História Cultural: entre práticas e representações*, definiu o objeto da história cultural como o de “identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler” (CHARTIER, 1988, p. 16). Assim, procuramos analisar como um determinado fenômeno religioso é construído e integra as dinâmicas culturais de sua época (Cf. SILVA, 2011, p.227; PY & REIS, 2015).

³ O conservadorismo entre os batistas brasileiros, na década de 1960, tinha características religiosas e políticas que eram inseparáveis. Segundo Elizete da Silva, o protestante conservador, onde os batistas estão incluídos, “tenderia ao pietismo, ou ao fundamentalismo, a uma religiosidade mais emocional e devocional” (Cf. SILVA, 2010, p. 35-36). A interpretação das doutrinas e as práticas religiosas estavam próximas daquelas ensinadas pelos missionários estadunidenses. Entendiam que a transformação da realidade social se daria pela conversão pessoal de cada indivíduo. Devido a estes elementos, havia uma aversão, que nesta década se transformou em combate ao ecumenismo, ao comunismo e ao pentecostalismo. Um exemplo do conservadorismo batista em um período próximo é a obra *Educação Moral e Cívica*, do pastor Ebenézer Soares Ferreira, que em 1972 já tinha edições publicadas pela JUERP. Sobre a variedade de grupos conservadores entre os batistas brasileiros (Cf. CORRÊA, 2023, p. 218-220). O que contrastava aos conservadores eram os progressistas que, ao admitirem novas interpretações sobre as ideias e práticas religiosas, entendiam que a igreja tinha o papel de agir de modo mais intencional na transformação da realidade social (Cf. SILVA, 2010, p. 35; ALMEIDA, 2016, p. 53).

⁴ Em nome de recuperar o espírito dos pioneiros, isto é, dos missionários estadunidenses que estabeleceram o trabalho batista no Brasil, na década de 1960, as lideranças conservadoras da CBB, chamaram seu movimento, de neopioneirismo, cujo principal símbolo foi a Campanha Nacional de Evangelização de 1965 (Cf. CORRÊA, 2023, p. 231).

⁵ No Brasil, existem diversos grupos batistas. Aqui trataremos dos batistas brasileiros, que são aqueles filiados à CBB. Esse grupo é o maior grupo em número de fiéis e de igrejas e é o mais antigo no país. Sobre a diversidade de batistas no Brasil (Cf. CORRÊA, 2023, p. 96-98; ALVARENGA, 2019, p. 317-329).



1 A Educação Religiosa como objeto de investigação

De acordo com Aline Coutrot, as forças religiosas são elementos que compõem o tecido político e por isso contribuem em sua explicação. Ao se questionar “como a filiação a uma Igreja modela as atitudes políticas dos cristãos” e “por quais vias as forças religiosas intervêm no domínio do político a ponto de constituir uma dimensão deste”, a autora destacou a importância de se analisarem as práticas coletivas como as “atividades das paróquias, das obras e dos movimentos” (COUTROT, 2003, p. 335, 336) pois são lá onde os fiéis são socializados e, por isso, adquirem sistemas de valores que fundamentam suas atitudes políticas. A fim de compreender esta socialização selecionamos a Educação Religiosa como objeto de análise, pois no meio batista brasileiro, ela foi a principal fomentadora das atividades e das ideias que circulavam entre as igrejas da CBB. Por isso, ela era um elemento marcante da socialização dos fiéis.

De acordo com Finola Cunnane, a educação religiosa tem dois objetivos distintos e complementares. O primeiro seria ensinar às pessoas uma determinada prática religiosa a partir de uma tradição específica. Isso se dá na vivência familiar e nas experiências ocorridas na comunidade religiosa local. Por isso, ela se relaciona à socialização dos fiéis e à formação destes a partir da incorporação de crenças, símbolos e ações. O segundo seria compreender a própria religião e a dos outros, o que envolve o diálogo entre as grandes religiões e a relação destas com a cultura contemporânea. Esse objetivo ocorreria no ambiente acadêmico de uma sala de aula (Cf. CUNNANE, 2015, 1041).

Entre os dois objetivos apresentados por Cunnane, o primeiro é comumente o mais exercido das igrejas locais. Justamente, por ser o elemento que garante a “will continue the practices, ritual, and mission of the religious group”⁶ (CUNNANE, 2015, 1041). É comum às religiões desenvolverem modos de socializarem seus fiéis com o conteúdo de suas crenças. Ao longo da história do cristianismo, foram diversas as formas como a fé e as práticas religiosas foram ensinadas. Por isso, para legitimar suas práticas educacionais, alguns grupos cristãos procuram relacioná-las com as aquelas realizadas pelos antigos hebreus ao identificar nestas as bases de sua atividade educacional religiosa (Cf.: ARMSTRONG, 1994). Constrói-se a percepção de uma fidelidade a um passado fundador e a ideia de manutenção, mesmo que apenas de princípios. Este movimento gera a ideia de legitimidade. Entretanto, por mais que se busque em eventos passados inspiração, as pessoas de cada época procuram responder às necessidades do seu tempo, por isso, acabam inovando, mesmo que seja em nome de uma certa manutenção. A atividade educacional nas igrejas não é uma exceção.

Segundo Billy Jim Leonard, a primeira forma de instrução religiosa utilizada entre os batistas foram as confissões de fé, seguidas por declarações elaboradas pelas igrejas locais em que eram estabelecidos os deveres de cada membro da comunidade para com Deus e entre uns com os outros, as regras de decoro, que estabeleciam como os negócios da igreja seriam conduzidos, os livros com sermões ou reflexões teológicas escritos pelos pastores, os catecismos destinados ao ensino de crianças e de novos convertidos, e as cartas circulares, isto é, cartas que as associações de igrejas batistas de uma determinada região enviavam às suas congregações tratando sobre temas específicos (Cf. LEONARD, 2015, p. 112, 113). Entretanto,

⁶ Tradução literal: “continuidade às práticas, ao ritual e à missão do grupo religioso”.



a Educação Religiosa como uma área especializada da atuação da igreja local foi iniciada no século XIX a partir do desenvolvimento do Movimento de Escolas Dominicais, que surgiu no final do século XVIII.

A busca por aprimorar os pressupostos teológicos e as práticas educacionais das escolas dominicais a partir dos avanços ocorridos nos métodos educacionais, no conhecimento científico e nas ciências sociais no final do século XIX resultou no surgimento do Movimento de Educação Religiosa. Os líderes do movimento se basearam em trabalhos de educadores como John Dewey para desenvolverem meios de alcançar pessoas de todas as idades no ensino da fé cristã. Eles também contribuíram na transformação de currículos e práticas pedagógicas utilizadas pelas escolas dominicais para que atendessem às necessidades de ensino e aprendizagem das diversas faixas de idade atendidas pelas igrejas, na introdução do estudo científico da Bíblia entre os leigos e na formação de departamentos de Educação Religiosa em instituições teológicas de modo a formarem educadores cristãos (Cf. FOSTER, 2015, p. 1042, 1043.).

Entre os batistas brasileiros a educação religiosa⁷, enquanto, ensino de uma determinada prática religiosa a partir de uma tradição específica, começou, praticamente, com o trabalho de evangelização dos missionários batistas do Sul⁸ que implantaram no Brasil o sistema educacional que utilizavam em suas igrejas de origem. Logo após o estabelecimento da primeira igreja batista para brasileiros, em 1882, os missionários iniciaram o trabalho da escola dominical, que já era desenvolvido em igrejas de outras denominações protestantes no Brasil. Na última década do século XIX, foi iniciado o trabalho das sociedades femininas e, ao longo do século XX, surgiram outras organizações no interior das igrejas batistas brasileiras. As organizações educacionais que existiram no meio batista brasileiro foram:

Quadro 1 – Comparação do surgimento das organizações educacionais eclesiais batistas nos Estados Unidos e no Brasil

Organização	Estados Unidos	Brasil
Escola Dominical	Década de 1790	c. 1883
União de Treinamento	1891	1906
Sociedade Feminina	1888	1889
Sociedade de Moças	1907	1918
Mensageiras do Rei	1909	1949
Sociedade de Crianças	1887	1902
Sociedade Masculina	1907	1916
Embaixadores do Rei	1883	1948
Escola de Música	Década de 1940	Década de 1950

Fonte: Elaboração do autor (2023)

A Escola Dominical foi a única organização que surgiu fora dos Estados Unidos, na Inglaterra, em 1780. Contudo foi o modelo estadunidense que chegou no Brasil (Cf. CORRÊA, 2023, p. 409-415).

⁷ Entre os batistas brasileiros, foi na década de 1960, que se consolidou a ideia de Educação Religiosa como ensino da fé e de práticas religiosas aos fiéis nas igrejas. Sobre a formação da noção de Educação Religiosa entre os batistas brasileiros (Cf. CORRÊA, 2023, p. 372-383).

⁸ Ao longo do texto, utilizamos a expressão “batistas do Sul” para nos referirmos às pessoas ligadas à Southern Baptist Convention (SBC).



Entre os batistas, na década de 1960 ela passou a ser chamada de Escola Bíblica Dominical e se dedicava ao ensino da Bíblia e das doutrinas da denominação ao mesmo tempo que servia como uma agência evangelizadora. As uniões de Treinamento tinham como propósito integrar e preparar o fiel para atuar na vida da igreja local. Elas ainda eram as responsáveis pela sociabilidade e pelas práticas de lazer de seus membros. As demais organizações, com exceção da Escola de Música, se dedicavam em apoiar, estimular e difundir o trabalho missionário. Já a Escola de Música treinava os membros para participarem das atividades musicais da igreja e atuava nos cultos e nas demais atividades da igreja e das organizações. Integravam esta organização os diversos grupos corais existentes na igreja local.

Esses trabalhos eram tão importantes na vida das igrejas batistas brasileiras que, na organização da CBB, em 1907, foi criada a Junta de Escolas Dominicais e a Junta de Mocidade, que trabalhava com a primeiras uniões de treinamento que surgiram, as de jovens. No ano seguinte, surgiu a União Missionária das Senhoras Batistas do Brasil, que na época trabalhava com as senhoras e as crianças das igrejas locais. Entre 1911 e 1918, o trabalho da Casa Publicadora Batista e o de Escolas Dominicais foram unidos formando a Junta de Publicações e Escolas Dominicais. Em 1922, o trabalho de publicações, Escolas Dominicais e mocidade foram unidos e formaram a Junta de Escolas Dominicais e Mocidade (JEDM) (Cf. MESQUITA, 1962, p. 49-52, 129-133), que durou até 1967, quando a juventude voltou a ter uma organização distinta, e a antiga organização passou a ser denominada de Junta de Educação Religiosa e Publicações, mais conhecida pela sigla JUERP. Ela só foi extinta em 2005.

No Brasil, o início do preparo de qualificação de leigos para trabalharem na área educacional da igreja se deu logo após o início nos Estados Unidos, em 1915. Em 1916 surgiu a Escola de Obreiras Cristãs, no Rio de Janeiro, e, em 1917, a Escola de Trabalhadoras Cristãs, em Recife.

O Conselho Coordenador de Educação Religiosa era o órgão responsável por

estudar as necessidades das igrejas batistas do Brasil no setor da educação religiosa; estudar o atual programa de educação religiosa da Convenção Batista Brasileira; coordenar o programa de educação religiosa elaborando pelos departamentos de educação da JEDM e da UFMB, procurando cada vez mais, unidade nos propósitos, currículos, atividades e estruturas (SMITH, 1967, [p. 5]).

Atendendo às solicitações da I Conferência de Educação Religiosa, realizada em 1966, em janeiro de 1967, este conselho publicou um livro, chamado: Programa de Educação Religiosa. Mais do que apresentar as modificações nas práticas educativas eclesiais promovida até então, a publicação se preocupou em “estabelecer princípios que possam nortear o trabalho educacional em qualquer igreja” (SMITH, 1967, [p. 6]).

O Conselho Coordenador de Educação Religiosa era formado por representantes das duas principais entidades educacionais da CBB: a Junta de Escolas Dominicais e Mocidade (JEDM) e a União Feminina Missionária Batista (UFMB). Na primeira estavam os serviços de elaboração e publicação da maior parte da literatura denominacional. Os missionários iniciaram os serviços de publicação dos batistas no Brasil em 1889 e o controlaram até 1979. A relação entre este setor e a atividade missionária era tão estreita que até 1967 a sede da representação missionária responsável pela atuação dos missionários nas atuais regiões sul e sudeste do Brasil, ficavam no mesmo prédio que sediava os serviços de publicações. O



gerenciamento e a execução das atividades femininas também foram controlados por missionárias estadunidenses desde sua criação, em 1889, até 1985. Na década de 1960 estava à frente da União Feminina a missionária Sophia Nichols (1924-2014), que atuou no Brasil entre 1947 e 1990, e dirigiu a organização entre 1954 e 1985.

Visando difundir o Programa de Educação Religiosa, assim como era feito com outros livros da época, a JEDM concedia certificado para aqueles que realizassem o estudo do livro e entrassem em contato com ela. Uma espécie de curso por correspondência, em que esta obra era único livro, do “novo Curso de Educação Religiosa”. Lançado em janeiro, em junho já havia sido expedidos 279 certificados para pessoas de 80 igrejas em 8 estados brasileiros (O Jornal Batista, 1967, p. 7). A responsável pelo livro foi a primeira presidente do Conselho Coordenador, a missionária estadunidense Cathryn Lucile Smith (1918-1995).

Essa reestruturação, na própria época em que ocorreu, foi vista como “muito necessária” (O Jornal Batista, 1965, p. 10), oficialmente, porque novas igrejas batistas estavam surgindo e outras crescendo, devido à Campanha Nacional de Evangelização. Também é importante considerar que é nesse mesmo período que houve diversas disputas no interior da CBB e a predominância conservadora na liderança foi reafirmada (Cf. CORRÊA, 2023, p. 178-220; ALMEIDA, 2016) e como consequência se reforçou o anticatolicismo, o antiecumenismo, o anticomunismo e o antipentecostalismo. Os principais elementos que deram forma a uma forma de ser batista que foi estabelecida como padrão na época, que serviu para classificar e identificar quem eram os “nós, os batistas” e os “eles, os outros”, os não batistas.

2 (Re)Pensando Educação Religiosa na década de 1960

Como demonstrou Eric Hobsbawm, o período compreendido entre o final da Segunda Guerra Mundial e o início da década de 1970, foi um período de grande crescimento econômico e de transformações sociais e culturais que atingiram diversos países no mundo (Cf. HOBSBAWM, 1995). É importante ressaltar que esse período também foi marcado no âmbito internacional pela Guerra Fria, uma disputa política, econômica e cultural entre duas superpotências, os Estados Unidos e a União Soviética. No âmbito interno, do Brasil, a década de 1960 ficou marcada pela radicalização política que resultou no golpe de 1964 e na instauração de uma ditadura civil-militar que perdurou de 1964 até 1985.

No interior da CBB, os missionários estadunidenses e as lideranças conservadoras, por meio do Movimento dos Neopioneiros, se esforçavam para manter o controle da denominação e dos fiéis. Em contraposição e em permanente embate existiram dois movimentos. O primeiro era o Movimento Diretriz Evangélica, que ao se abrir para a necessidade de uma maior atuação eclesial na transformação social da realidade e por suas relações com outras confissões protestantes, foi acusado de ser comunista e de fomentar o ecumenismo (Cf. CORRÊA, 2023, p. 201-210), dois movimentos visto entre os conservadores da época como relacionados.

Por exemplo, em 1962, em um artigo em O Jornal Batista, o autor que se identificou apenas como “Madeira” comparou o comunismo e a Escola Dominical e colocou esta como a esperança do ser humano. O primeiro seria resultado de ideias revoltadas, de homens corruptos e sem Deus, cujos resultados pereceriam. Já a Escola Dominical seria resultado de ideias sublimes, objetivas e humanitárias, cujos resultados permaneceriam por toda a eternidade. Enquanto um, era a concretização da discórdia e contrário às liber-



dades, a outra seria o “aconchego espiritual aos domingos” (MADEIRA, 1962, p. 3). O próprio Programa de Educação Religiosa, de 1967, no início de seu primeiro capítulo afirmava que a igreja não tinha como escapar das “Forças revolucionárias” que geravam na época “a rebelião, o ódio, o medo, o tumulto e a confusão, procurando um exame e uma avaliação de tudo que existe” (SMITH, 1967, p. 11). Essa força era o comunismo. As críticas ao socialismo e ao comunismo estavam presentes no principal jornal da denominação no país, O Jornal Batista, desde as primeiras décadas do século XX e se aprofundaram na década de 1960, seguindo o processo de radicalização política vivido na sociedade da época (Cf. CORRÊA, 2023, p. 269-303). De modo claro, os missionários estadunidenses se posicionaram contra o comunismo e aqueles que consideravam simpatizantes.

O segundo movimento em oposição aos missionários⁹ e aos conservadores foi o Movimento de Renovação Espiritual, que introduziu no meio batista doutrinas e práticas pentecostais, o que foi visto como heresia por estes grupos (Cf. CORRÊA, 2023, p. 210-2018, 336-347). Para conter a influência pentecostal, por exemplo, uma figura conservadora era “responsável pela ortodoxia das publicações do Departamento [de Escolas Dominicais] perante a denominação”, era a ele que foi confiada “as doutrinas batistas nas publicações” (O Jornal Batista, 1963, p. 3). Essa figura foi o pastor Delcyr de Souza Lima (1927-2018).

Somado a um antigo elemento identitário batista, o anticatolicismo, que ganhou novos contornos com o Concílio do Vaticano II (1962-1965), se destacaram nos anos 1960 o antiecumenismo, o anti-comunismo e o antipentecostalismo (Cf. CORRÊA, 2023, p. 210-2018, 243-347), na formação do ser batista. Para que este padrão identitário fosse difundido e reproduzido entre os fiéis, houve um esforço de reestruturação da Educação Religiosa entre os batistas brasileiros na década de 1960.

O Brasil foi o quarto campo de atuação missionária da Foreign Mission Board, iniciado em 1879. Desde 1897 o Brasil era o segundo país com maior número de missionários batistas dos Sul. Com a saída destes da China, devido à revolução ocorrida em 1949, entre 1950 e 1954 e de 1961 até 1996, o Brasil foi o país que mais recebeu missionários batistas do Sul em todo o mundo. O aumento de missionários também foi acompanhado com um maior investimento financeiro e com a ampliação da atuação missionária como na abertura de novas frentes missionárias, maior atuação na área de publicação, de comunicação, música e os investimentos na Educação Religiosa (Cf. CORRÊA, 2023, p. 178-200).

Até aquele momento, a Educação Religiosa era formada pelas organizações informadas no Quadro 1. Apenas uma foi criada na década de 1960, o Grupo de Ação Missionária, que promovia as atividades missionárias entre rapazes de 18 anos até o casamento (Cf. CORRÊA, 2023, p. 427). Podemos levantar duas diferenças principais entre o antes e o depois da década de 1960. Uma de que até o momento estas organizações caminhavam com muita autonomia, às vezes até em relação à própria igreja local. Ou seja, estas organizações estabeleciam seus programas, seus métodos e uma captação de recursos financeiros próprios e sua submissão a direção-geral da igreja, por vezes, poderia ser muito frouxa. Constituindo, assim, o que o pastor Manoel Avelino, chamou de “uma igreja dentro da igreja” (SOUZA, 1956, p. 77). A outra, é de que as diversas organizações não se relacionavam e suas atuações não eram pensadas de forma sistemática. Por isso, não havia unidade nos propósitos, nos currículos, nas atividades e nas estruturas. Foi

⁹ Sobre a oposição dos missionários estadunidenses ao pentecostalismo e sua influência no meio batista brasileiro (Cf. CORRÊA, 2023, p. 321-347).



justamente para se tornar mais eficiente, que houve essa sistematização que para se efetivar, além de estabelecer objetivos e métodos claros, estabeleceu uma base teórica para esse sistema educacional. O trabalho educacional foi racionalizado. Em seus pressupostos estavam o combate aos inimigos internos e externos.

Alguns eventos prepararam e marcaram a mudança na Educação Religiosa batista na época. Todos eles têm em comum que foram liderados por missionários estadunidenses, da qual uma se destacou, Cathryn Smith. O primeiro foi uma série de três congressos sobre Escolas Dominicais. Em outubro de 1966, a Convenção Batista da Capital de São Paulo promoveu, na cidade de São Paulo, o I Congresso de Escolas Dominicais. Com o apoio do Departamento de Escolas Dominicais da JEDM, o congresso também foi realizado nas cidades de Recife, em Pernambuco, e de Belém, no Pará. Em São Paulo, o congresso contou com 417 inscritos de 98 igrejas, em Recife, com 230 inscritos de 70 igrejas e em Belém com 50 inscritos de 8 igrejas. Nos três congressos o preletor principal foi o estadunidense Mack R. Douglas, pastor da First Baptist Church in Pompano Beach, na Flórida (Cf. O Jornal Batista, 1966, p. 11; BOTELHO, 1966, p. 1). A classe dedicada aos pastores, superintendentes e secretários de Escola Dominical foi dirigida pela missionária Cathryn Smith.

O segundo e mais importante evento foi a I Conferência de Educação Religiosa, que ocorreu entre 17 e 20 de janeiro de 1966, na cidade de São Paulo (Cf. O Jornal Batista, 1965b, p. 7).¹⁰ A conferência foi uma forma de atender a uma solicitação da CBB feita à JEDM para a realização de um estudo sobre o então programa de Educação Religiosa das igrejas e um plano para melhorá-lo. Das vinte e sete unidades federadas, à época (composta por 22 estados, 4 territórios e pelo Distrito Federal), a conferência contou com representantes de dezoito estados, do Distrito Federal e um missionário boliviano. Tiveram o maior número de representantes os estados de São Paulo (67), que recebeu a conferência, Guanabara, atual cidade do Rio de Janeiro, (35), que sediava a CBB e o trabalho dos missionários batistas estadunidenses no que hoje abrange as atuais regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste do Brasil, Paraná (17) e Pernambuco (12), que sediava o trabalho dos missionários batistas estadunidenses nas atuais regiões Norte e Nordeste. Os demais estados tiveram entre sete e um representantes. No total houve a presença de 175 conferencistas. A conferência também contou com a presença e a participação de diversos missionários estadunidenses. A direção-geral e a coordenação do evento, por exemplo, foram realizadas pelos missionários estadunidenses Edgar Francis Hallock Jr. (1916-2001) e Cathryn Lucile Smith, respectivamente.

Filho do pastor Edgar Francis Hallock, Edgar Francis Hallock Jr. nasceu em Penfield, no estado de Nova York, enquanto seu pai estudava no Rochester Theological Seminary. Contudo, ele cresceu no estado de Oklahoma. Cursou a Oklahoma University e depois o Southwestern Baptist Theological Seminary, onde obteve o bacharel em teologia e doutorou-se em Educação Religiosa. Chegou ao Brasil em 1941 e começou a trabalhar no Departamento de Escolas Dominicais da JEDM em 1944, e em 1954 assumiu o Departamento de Publicações, a Casa Publicadora Batista. Quando ocorreu a Conferência, Hallock Jr. era Diretor-Geral da JEDM (Cf.: PEREIRA, 1966, p. 1, 7; MEIN, 1982, p. 352, 108).

Embora Hallock Jr. dirigisse a Junta, a principal pessoa à frente desta reestruturação da Educação Religiosa foi Cathryn Smith, sobre a qual falaremos melhor mais adiante. O que importa ressaltar é que

¹⁰ Antes dessa conferência, foi realizada uma em 1952 chamada de Primeira Conferência Batista de Educação Religiosa. Diferente da de 1966, esta não tratou sobre a sistematização ou mudanças no programa executado até então (Cf. O Jornal Batista, 1951, p. 3; O Jornal Batista, 1952, p. 3, 7).



a principal recomendação da conferência foi a criação de um Conselho Coordenador de Educação Religiosa, o que foi concretizado em maio do mesmo ano. Foi esse conselho, cuja liderança era exercida por Smith, que propôs a reestruturação da Educação Religiosa.

O terceiro e último evento que contribuiu na reestruturação da Educação Religiosa batista brasileira foi a Conferência de Currículo realizada entre 17 e 21 de abril de 1967, nas dependências do Seminário Batista do Sul do Brasil, no Rio de Janeiro, promovido pelo Conselho de Educação Religiosa da Junta de Educação Religiosas e Publicações. Para esse evento foi convidado Clifton Judson Allen (1901-1986), à época secretário-editor da Sunday School Board¹¹ da Southern Baptist Convention (SBC) e relator da Comissão de Currículo e do Comitê de Estudo Bíblico e Treinamento da Aliança Batista Mundial (Cf. O Jornal Batista, 1966b, p. 7). Allen tratou de diversos assuntos como: os pressupostos no planejamento dos objetivos, atividades, materiais e elementos na organização do currículo, princípios, métodos, formas técnicas e estilística para escritores (Cf. PEREIRA, 1967, p. 1, 2; O Jornal Batista, 1967b, p. 7; ALLEN, 1967, p. 7).

3 Cathryn Lucile Smith: a missionária da Educação Religiosa

Cathryn Lucile Smith¹² obteve o grau de bacharel em Ciências pela Georgia Teacher College, atual Georgia Southern University, em 1942 e o grau de mestre em Educação Religiosa pelo Southwestern Baptist Theological Seminary, no estado do Texas, em 1946. Entre 1935 e 1943, Smith atuou como professora em duas escolas públicas no estado da Georgia. Entre agosto e dezembro de 1941 foi assistente de caixa. De junho a dezembro de 1943, serviu como diretora de educação da Morningside Baptist Church, no estado da Georgia. Já entre junho e agosto de 1944, atuou como responsável pelos visitantes na Evans Avenue Baptist Church e, entre setembro de 1944 e 1946, como diretora de educação e secretária financeira da First Baptist Church of Olney, ambas no estado do Texas. Em 1946, ano em que se formou, se voluntariou para o trabalho missionário. Em setembro do mesmo ano, a Foreign Mission Board enviou Smith como missionária para o Brasil.

Cathryn Smith atuou no Brasil entre 1946 e 1983, quando se aposentou e voltou para os Estados Unidos. Inicialmente atuou na cidade de Recife, capital do estado de Pernambuco. Lá Smith estudou a língua portuguesa durante cinco meses. Durante o ano de 1947, atuou no trabalho evangelístico na cidade de Manaus, capital do estado do Amazonas. Mas voltou para Recife no ano seguinte e lá permaneceu até 1965. Em Recife, entre 1948 e 1951, trabalhou em orfanato e como assistente da direção do Escola de Trabalhadoras Cristãs (atual Seminário de Educação Cristã). Entre 1952 e 1959, foi diretora de Educação Religiosa do Estado de Pernambuco. Entre 1959 e 1965, atuou como diretora de Educação Religiosa no Seminário Teológico Batista do Norte do Brasil, onde lecionou, e passou a ensinar a disciplina na Escola de Trabalhadoras Cristãs.

¹¹ Em português: Junta de Escola Dominical da Convenção Batista do Sul. Desde 1998 se chama LifeWay Christian Resources. É o órgão desta convenção, responsável pela produção da literatura que atende às necessidades das igrejas filiadas.

¹² As informações biográficas se baseiam principalmente em um arquivo de seis páginas cedido pela International Mission Board ao autor, em 23 de março de 2021. Este arquivo é formado pela digitalização do: 1) comunicado de falecimento de Cathryn Smith; 2) pelo artigo "Baptist Church's Outreach Program Includes English, Civics Lessons" escrito por Melissa Jest, sem referência ao jornal ou à data da publicação; 3) a ficha de voluntariado preenchida por Smith em 1946, e 4) uma ficha da trajetória de Smith dentro da International Mission Board. Também serviu de fonte um artigo publicado em O Jornal Batista (Cf. O Jornal Batista, 1965, p. 1, 10).



Em 1965 Smith foi transferida para a cidade do Rio de Janeiro. Nos anos de 1965 e 1966, Smith dirigiu o Departamento de Escolas Dominicais da JEDM, da CBB (Cf. MEIN, 1982, p. 72). Entre 1967 e 1972 ela foi a superintendente da Divisão de Educação Religiosa desta Junta. Em 1973, atuou como editora de periódicos na mesma instituição. Em 1974, foi para Belo Horizonte, capital de Minas Gerais, onde passou a atuar no Departamento de Educação Religiosa de Minas Gerais como consultora.

4 A origem estadunidense do Programa de Educação Religiosa

No final da apresentação de seu Programa de Educação Religiosa, Smith fez um breve agradecimento a Sunday School Board. A referida junta estadunidense havia permitido que a missionária da sua Convenção no Brasil aproveitasse “muitos dos conceitos do livro *A Church Organized and Functioning* e de transcrever na íntegra os objetivos do ensino e treinamento cristão do livro *The Curriculum Guide*” (SMITH, 1967, [p. 6]).

Na década de 1960, a Sunday School Board mantinha duas editoras: a Broadman Press e a Convention Press. A primeira, mais do que publicar livros, servia como uma marca para a realização de diversos produtos como livros, filmes e discos. Seus livros tratavam sobre os mais diversos assuntos como doutrina, interpretação bíblica, biografias e pregações. A segunda editora produzia livros para serem utilizados pelas igrejas da SBC. No início dos anos 1960, a maioria dos títulos dessa editora se encontravam em duas grandes séries de livros: a primeira era chamada de Church Study Course for Teaching and Training ou, simplesmente, Church Study Course, e a segunda de Vacation Bible School series¹³ (Cf. MEAD, SULLIVAN, 1961, p. 198, 199).

Os dois livros utilizados por Smith foram publicados pela Convention Press e um deles, *A Church Organized and Functioning*, integrava a série Church Study Course. A série surgiu em 1959 a partir da combinação de três cursos promovidos pela Sunday School Board: o Sunday School Training Course, o Graded Training Union Study Course e o Church Music Training Course. Mas, ao longo do tempo, novas publicações foram adicionadas a ela. Em 1961 foram acrescentados estudos sobre os princípios e os métodos da Woman's Missionary Union, que também passou a promover o curso (Cf. HOWSE, THOMASON, 1963, p. viii; SOUTHERN BAPTIST CONVENTION, 1959, p. 247-248).

O estudo das obras podia ser feito em classes nas igrejas locais ou pelas pessoas em suas casas. Ao fim de cada curso, o estudante recebia um certificado da Sunday School Board. Smith utilizou o mesmo método no Brasil. O objetivo do Church Study Course era:

help Christians to grow in knowledge and conviction, to help them to grow toward maturity in Christian character and competence for service, to encourage them to participate worthily as workers in their churches, and to develop leaders for all phases of church life and work (HOWSE, THOMASON, 1963, p.viii).¹⁴

¹³ Tradução literal: Curso de Estudo da Igreja para Ensino e Treinamento; Série de Escola Bíblica de Férias.

¹⁴ Tradução literal: “ajudar os cristãos a crescerem em conhecimento e convicção, ajudá-los a crescer em direção à maturidade em caráter cristão e competência para o serviço, encorajá-los a participar dignamente como obreiros em suas igrejas e desenvolver líderes para todas as fases da vida e do trabalho da igreja”.



Os dois livros utilizados por Smith foram escritos como um duplo esforço da Sunday School Board em preparar as igrejas já existentes para o avanço da obra batista do Sul e em fornecer uma base estável para as novas igrejas.

The Curriculum Guide foi uma obra que teve diversas edições. Conforme a série Annual of the Southern Baptist Convention podemos identificar que essa obra teve ao menos cinco edições, sendo elas: 1960, 1961, 1961-1962, 1962-1963, 1963-1964. Não foi possível identificar qual dessas edições Cathryn Smith utilizou. Mas todos esses volumes foram editados por Clifton Judson Allen e William Lewis Howse (1905-1977). Natural da Carolina do Sul, Clifton J. Allen obteve seu bacharelado em Artes pela Furman University em 1923, o mestrado em Teologia pelo Southern Baptist Theological Seminary em 1928 e na mesma instituição seu doutorado em 1932. Ele pastoreou igrejas nos estados de Kentucky e Carolina do Norte. Em 1937, Allen passou a colaborar com a Sunday School Board como secretário editorial associado e, a partir de 1945, como secretário editorial (Cf. SOUTHERN BAPTIST HISTORICAL LIBRARY & ARCHIVES, 2011).

Como representante da Sunday School Board, Allen se envolveu com os trabalhos da Aliança Batista Mundial, o International Council of Religious Education e com o Conselho Nacional das Igrejas de Cristo nos EUA nos seguintes comitês: Committee on Uniform Lesson Series e o Committee on the Revised Standard Version of the Bible. Após sua aposentadoria em 1968, Allen serviu como editor geral do Broadman Bible Commentary e como secretário de registro entre 1965 e 1976 (Cf. HILL, 2001).

O segundo nome a assinar o The Curriculum Guide é de William Lewis Howse. Natural do Tennessee, Howse obteve seu bacharelado em artes pela Union University em 1926. Em 1932 obteve o mestrado em Artes pela Baylor University e pelo Southwestern Baptist Theological Seminary recebeu os graus de mestre e de doutor em Educação Religiosa, em 1934 e 1937, respectivamente. Alguns anos depois, em 1948, a Hardin-Simmons University lhe conferiu o grau de doutor em Letras Humanas, e da Union University recebeu o grau de doutor em Direito em 1958.

Entre os anos de 1927 e 1949, Howse serviu como ministro de educação em igrejas nas cidades de Fort Worth, Waco e Dallas, todas no estado do Texas. Em 1932 ele começou a lecionar no Southwestern Baptist Theological Seminary, onde Cathryn Smith estudou. Parou a docência em 1954 para assumir a chefia da divisão de Educação da Sunday School Board. Permaneceu nesse cargo até sua aposentadoria em 1971. Mas continuou colaborando com a SBC como consultor de planejamento de longo prazo para a América Central e o Caribe (Cf. SOUTHERN BAPTIST HISTORICAL LIBRARY & ARCHIVES, 2011b). Na qualidade de Diretor de Educação da Sunday School Board, William L. Howse integrou desde 1957 o grupo de vinte e cinco pessoas que formavam o comitê do programa The Baptist Jubilee Advance entre os batistas do Sul, onde serviu como secretário e presidente do subcomitê de ênfase para 1960 (Cf. SOUTHERN BAPTIST CONVENTION, 1958, p. 260) e foi membro do comitê do Movimento dos 30.000.

The Curriculum Guide foi pensado para servir como uma descrição detalhada de todos os materiais curriculares publicados pela Sunday School Board e mostrar como esses materiais poderiam ser utilizados de forma eficaz (Cf. SOUTHERN BAPTIST CONVENTION, 1960, p. 178). Contudo, a obra não se restringia a descrever materiais ou propor sua utilização. Ela também tinha declarações sobre a natureza e a mensagem da Bíblia, a natureza e as necessidades das pessoas e a natureza e a missão da igreja.



Tais declarações orientavam as publicações dos departamentos da Junta, como o de Escolas Dominicais, o da União de Treinamento e o de Música (Cf. SOUTHERN BAPTIST CONVENTION, 1964, p. 169.). Ao estabelecer a missão, os objetivos e o modo como estes deveriam ser alcançados, *The Curriculum Guide* se torna um indício da busca pela eficiência na área da educação.

A *Church Organized and Functioning* foi publicado em 1963 e teve como autores William Lewis Howse e William O. Thomason. Diferente de Howse, que vimos ter ocupado um lugar importante na Sunday School Board e tomado parte nas mudanças que estavam ocorrendo na SBC, William Thomason teve um papel secundário e por isso são poucas as informações sobre ele. Thomason era natural do Alabama. Obteve o grau de bacharel em Ciências pela Auburn University e os graus de mestre e de doutor em Educação Religiosa pelo Southwestern Baptist Theological Seminary, o mesmo seminário texano em que Howse estudou e lecionou e onde Cathryn Smith se formou. Thomason serviu como diretor de juventude e principalmente como ministro de educação em igrejas nos estados do Texas, Oklahoma e Tennessee entre 1951 e 1958. A partir de maio de 1958, começou a colaborar com a Sunday School Board como editor do material destinado às crianças na primeira infância (Cf. SOUTHERN BAPTIST CONVENTION, 1959, p. 267). Entre os anos de 1960 e 1970, foi o assistente de William Howse, enquanto diretor da Divisão de Educação. A partir de 1971, foi diretor da Divisão de Livraria da Sunday School Board (Cf. SOUTHERN BAPTIST CONVENTION, 1971, p. 372). Tomason e Howse ainda escreveram outro livro juntos, *A Dynamic Church: Spirit and Structure for the Seventies*, em 1969, também publicado pela Convention Press.

Mais do que *The Curriculum Guide*, a obra *A Church Organized and Functioning* concretizou melhor a expectativa dos batistas do Sul no início dos anos 1960, pois não trata apenas da educação, mas de toda a igreja. Mas não só por isso, a obra é uma consequência de movimentos que os batistas do Sul vivenciaram no início da segunda metade do século XX, como *The Baptist Jubilee Advance*, um programa que ocorreu entre 1959 e 1964 e cujo objetivo era comemorar os 150 anos da primeira organização batista de abrangência nacional nos Estados Unidos, a Convenção Trienal, que existiu entre 1814-1845, ao mesmo tempo, em que buscava expandir sua atuação no país. Isto é expresso na introdução da obra quando afirmou: “Is this book may be likened to a river, several streams of action as tributaries flow together to make it what it is”¹⁵ (HOWSE, THOMASON, 1963, p. xi).

Os autores são muito claros quanto aos afluentes deste rio-livro. O primeiro foi uma exigência da SBC feita em 1958 de que suas agências e juntas deveriam definir seus programas e orçamentos e comunicar anualmente a convenção (Cf. BRANCH, 1958, p. 430-461), o que levou a Sunday School Board a repensar a igreja e suas tarefas básicas. Para a tarefa, além da interpretação que os batistas do Sul faziam do Novo Testamento, foi levado em consideração as atribuições dadas pela SBC à Sunday School Board de 1845 até o momento do estudo. A intenção era de que a obra fosse “be representative of the concepts and opinions of Southern Baptist churches”¹⁶ (HOWSE, THOMASON, 1963, p. xii).

Outro afluente, não menos importante, foi o serviço de planejamento a longo prazo desenvolvido pelo Departamento de Administração da Igreja. A utilização de ideias da administração científica ao traba-

¹⁵ Tradução literal: “Este livro pode ser comparado a um rio, vários fluxos de ação como afluentes fluem juntos para torná-lo o que é”.

¹⁶ Tradução literal: “representativo dos conceitos e opiniões das igrejas Batistas do Sul”.



lho eclesiástico remota a influência do Movimento de Eficiência, originado nas ideias de Frederick Taylor, nas igrejas estadunidenses na década de 1910, que promoveu uma racionalização do trabalho eclesiástico (Cf. CORRÊA, 2023, p. 353-359).

O trabalho com a administração eclesiástica na Sunday School Board remonta à criação do Departamento de Administração e Edifícios da Igreja, em 1927 (Cf. ALLEN, 1958, p. 1331). Mas com as reestruturações que essa junta sofreu ao longo do tempo, em 1956 foi criado o cargo de editor de materiais de administração da igreja dentro da Divisão de Ensino, portanto, subordinado a Howse (Cf.: SOUTHERN BAPTIST CONVENTION, 1956, p. 222). Entre as funções desse editor estava “prepare materials on the Church Council, the work of church officers, and church committees not covered in other departments at the Sunday School Board”¹⁷ (SOUTHERN BAPTIST CONVENTION, 1956, p. 222). O primeiro editor do Departamento de Administração foi Howard Bryce Foshee (Cf. SOUTHERN BAPTIST CONVENTION, 1957, p. 237), que havia sido ministro de educação de uma igreja no estado da Carolina do Norte. Assim, o tema da administração das igrejas estava estreitamente relacionado à Educação Religiosa. Esse movimento nos ajuda a compreender como a busca pela eficiência da SBC chegou nas igrejas locais, não só estadunidenses, como brasileiras e em outros países, por meio da ação dos missionários da SBC (Cf. SOUTHERN BAPTIST CONVENTION, 1953, p. 455).

Ao compararmos os capítulos e subtítulos das duas obras estadunidenses com os da obra de Smith feita no Brasil, pode-se identificar que 71,52% do texto do Programa de Educação Religiosa foi uma transcrição integral ou adaptação de *The Curriculum Guide* e de *A Church Organized and Functioning*. Só desta última obra vieram 65,97% do texto de Smith. A estratégia utilizada por Smith era comum entre os missionários batistas estadunidenses no Brasil. Por exemplo, a missionária Edna Harrington (1904-1980), em sua obra *O Departamento de Primários*, de 1965, se utilizou de três livros e duas revistas publicados pela SBC (Cf. HARRINGTON, 1965).

Baseando-se na obra de William Lewis Howse e William O. Thomason, *A Church Organized and Functioning*, Cathryn Lucile Smith inicia seu Programa de Educação Religiosa tratando sobre a composição, a conceituação e a natureza da igreja. Isso demonstra que a obra de Smith não é apenas um escrito sobre o trabalho educacional restrito a currículos, conteúdos e métodos de ensino. Mas, partindo da única conceituação sobre igreja admitida entre os batistas do Sul e os brasileiros, a da igreja como uma “uma congregação [local] de filhos de Deus” (SMITH, 1967, p. 11), propõe um padrão eclesiástico. Um padrão baseado no caráter educacional da igreja, mas que não se restringe a ele.

A construção desse padrão idealizado se completa quando Smith, ainda reproduzindo Howse e Thomason, aponta o que entende ser as quatro funções como básicas para o funcionamento de uma igreja: 1) cultuar a Deus; 2) anunciar as boas novas, ou seja, evangelizar; 3) educar; e 4) ministrar, isto é, atender às necessidades humanas (Cf. SMITH, 1967, p. 13-16). Essas quatro funções são entendidas como dependentes uma das outras e nessa relação a educação recebe um destaque.

Assim com os autores estadunidenses, Smith entendia que “Cada igreja é uma escola”, pois “cada ato da congregação, tudo o que ela faz, tem força educativa” e “o cumprimento da missão da igreja depende do processo educativo” (SMITH, 1967, p. 15, 16, 17). Os sete alvos estabelecidos na obra de Smith,

¹⁷ Tradução literal: “preparar materiais sobre o Conselho da Igreja, o trabalho dos oficiais da igreja e comitês da igreja não eram cobertos por outros departamentos do Sunday School Board”.



eram aqueles que estavam na obra *The Curriculum Guide*. Os autores estadunidenses dividiram a vida em sete fases: berçário, principiantes, primário, juniores, intermediários, jovens e adultos. Assim, seja nos Estados Unidos, seja no Brasil, a igreja se estabelecia como uma escola que proporcionava programas a seus fiéis e suas famílias, do berço ao túmulo. A centralidade da educação na vida de uma igreja se daria em razão de sua função na propagação e na consolidação do que entendiam ser o cristianismo, mas que na prática era da fé batista. Na prática, seu alcance ultrapassava os limites do ambiente eclesiástico. Além do ensino das doutrinas, do estímulo à participação nas atividades eclesiásticas e do incentivo da atuação proselitista, característicos de um projeto religioso, o Programa de Educação Religiosa também procurava estimular uma recreação, da forma que entendiam ser sadia, uma vida cultural, o papel do fiel como cidadão e o respeito deste ao governo civil (Cf. SMITH, 1967, p. 23-29).

Isto nos ajudou a perceber dois elementos: primeiro, a Educação Religiosa na década de 1960 era mais do que um conjunto de métodos e doutrinas religiosas a serem ensinadas, mas um modo de conceber e de se vivenciar a igreja, seu cotidiano e a própria vida em sociedade. Segundo, a estrutura educacional batista, logo, a estrutura da própria igreja local, isto é o conjunto das suas organizações, também são construções estadunidenses com autores identificáveis e uma data de fabricação.

Considerações Finais

Uma pessoa que passa despercebida pela história dos batistas brasileiros, pode acreditar que com a criação da CBB em 1907, o protagonismo missionário no Brasil batista tenha parado. Contudo, pode-se perceber que na década de 1960 a atuação missionária estadunidense ainda era importante entre os batistas brasileiros e, a partir, da tentativa de identificar suas estratégias de atuação, como eles agiram de modo prático na formação de um modo de ser batista.

O Programa de Educação Religiosa estabelecido na década de 1960 colaborou para que a Educação Religiosa se constituísse na prática eclesiástica como a “alma da Igreja” (Cf. SEPTIMIO, 1988, p. 3). Havia um constrangimento para que as igrejas tivessem todas as organizações previstas no programa (Cf. O Jornal Batista, 1985, p. 3). A Educação Religiosa, a partir dos anos 1960, foi a principal forma de difusão de ideias e valores e de educar os sentidos entre os fiéis batistas brasileiros. Juntamente com as regras disciplinares, a Educação Religiosa foi um instrumento de promovia a coesão, padronização e fortalecimento do poder nas igrejas locais e na denominação (Cf. CORRÊA, 2023, p. 128, 170-173). A ideia de igreja como escola reforçava a antiga ideia dos protestantes, presente no início da atuação missionária no Brasil, de que evangelizar também é civilizar (Cf. CORRÊA, 2023, p. 361-362).

Mesmo recebendo diversas críticas, este modelo educacional permaneceu vigente até o final do século XX. Foram exemplo de críticas: de que o programa não consideraria a heterogeneidade cultural das igrejas e das regiões do país, assim como as condições econômicas das igrejas e geração de uma multiplicidade de organizações, o que causaria a superposição de objetivos e de atividades para o mesmo público-alvo e a competição entre as organizações. Nos anos 1970, já se defendia a fusão de algumas organizações para evitar tais problemas (Cf. CONSELHO DE EDUCAÇÃO RELIGIOSA, 1973, p. 1, 5; PEREIRA, 1979, p. 3). Foi apenas nos anos 1980, influenciados pelas mudanças sociais ocorridas com a redemocratização, que o programa foi alterado (Cf. LOPES, 1985, p. 5).



Com o Primeiro Congresso Nacional de Educação Religiosa, ocorrido em 1985, que a expressão Educação Religiosa foi substituída por Educação Cristã, que foi recomendada a fusão entre a Escola de Treinamento e a Escola de Missões e que a Escola de Música deixou o programa de educação para ser um departamento autônomo nas igrejas (Cf. O Jornal Batista, 1985b, p. 1).¹⁸ Contudo, ao nível denominacional, as diretrizes do setor continuavam a vir da Junta de Educação Religiosa e Publicações. Na prática, continuou-se a produção de materiais para cada organização concebida na década de 1960, pois cada igreja escolheria qual organização melhor atenderia às suas necessidades. Mas, a maioria das igrejas, especialmente as mais antigas, continuaram com as mesmas organizações.

As mudanças tinham como objetivo a estrutura do programa e não seu conteúdo, seus valores, seus princípios teóricos, seja os explícitos (teológicos), seja os implícitos (os ideológicos). Elas não romperam com o padrão de 1960, na prática, apenas promoveram pequenas adaptações – o que contribuiu para a permanência do modelo de 1960, basicamente até a extinção da JUERP no início dos anos 2000. Na década de 1990, por exemplo, o programa elaborado por Cathryn Smith ainda era utilizado e publicado pela JUERP (Cf. SMITH, 1995).¹⁹ Entretanto, no início do século XXI, devido às mudanças sociais e religiosas que ocorreram no Brasil e na denominação (como a “crise de identidade” nos anos 1990, o crescimento neopentecostal, a entrada de novos sistemas de trabalho eclesiásticos como o G12 e a Igreja com Propósitos e a considerável diminuição da atuação missionária), o programa educacional já se encontrava esgotado. Contudo, o conservadorismo sociorreligioso permaneceu como marca das igrejas batistas brasileiras.

¹⁸ A ideia da Escola de Música ser um departamento da igreja, independente da Educação Religiosa já estava posta na década de 1970 (Cf. NASSAU, 1978, p. 2; NASSAU, 1978b, p. 2).

¹⁹ Apenas em 2010 a CBB lançou uma nova diretriz para a educação nas igrejas (Cf. CONVENÇÃO BATISTA BRASILEIRA, 2010).



REFERÊNCIAS

Fontes

- 1.^a Conferência Batista de Educação Religiosa. *O Jornal Batista*, Rio de Janeiro, 21 de fevereiro de 1952, Ano LII, n. 8, p. 3, 7.
- A I Conferência de Educação Religiosa Recomenda Coordenação do Programa de Educação Religiosa. *O Jornal Batista*, Rio de Janeiro, 18 de dezembro de 1966b, Ano LXVI, n. 51, p. 7.
- ALLEN, Clifton J. Dr. Clifton J. Allen agradece aos participantes da I Conferência de Currículo. *O Jornal Batista*, Rio de Janeiro, 11 de junho de 1967 Ano LXVII, n. 24, p. 7.
- BOTELHO, Zita Paulina Fenley. São Paulo hospedou: I Congresso de Escolas Dominicais Batista. *O Jornal Batista*, Rio de Janeiro, 4 de dezembro de 1966, Ano LXVI, n. 49, p. 1.
- BRANCH, Douglas M. et al. Committee to Study Total Southern Baptist Program. IN: SOUTHERN BAPTIST CONVENTION. *Annual of the Southern Baptist Convention*. Nashville, Tennessee (EUA): Executive committee, Southern Baptist Convention, 1958, p. 430-461.
- Conferencia de Educação Religiosa. Convite aos obreiros. *O Jornal Batista*, Rio de Janeiro, 12 de dezembro de 1965, Ano LXV, n. 50, p. 7
- Congresso Nacional de Educação Cristã. *O Jornal Batista*, Rio de Janeiro, 6 de outubro de 1985, Ano LXXXV, n. 40, suplemento especial, p. 3.
- Congressos de Escolas Dominicais Batista. *O Jornal Batista*, Rio de Janeiro, 11 de dezembro de 1966, Ano LXVI, n. 50, p. 11.
- CONSELHO DE EDUCAÇÃO RELIGIOSA. Relatório do Conselho de Educação Religiosa à Convenção Batista Brasileira. *O Jornal Batista*, Rio de Janeiro, 30 de dezembro de 1973, Ano LXXIII, n. 52, p. 1, 5.
- CONVENÇÃO BATISTA BRASILEIRA. *O Plano Diretor da Educação Religiosa Batista no Brasil*. Rio de Janeiro: [edição própria], 2010
- HARRINGTON, Edna. *O Departamento de Primários*. Rio de Janeiro: Caso Publicadora Batista, 1965
- HILL, Leonard. Clifton Judson Allen papers offer inside look at SBC IN: *Baptist Press*, Nashville, 21 fevereiro de 2001. Disponível em: <https://www.baptistpress.com/resource-library/news/clifton-judson-allen-papers-of-fer-inside-look-at-sbc/>. Acessado em: 18 de jul. 2022
- HOWSE, W. L.; THOMASON, W. O. *A church organized and functioning*. Nashville, Tennessee (EUA): Convention Press, 1963.
- I Conferência de Currículo Brasil. *O Jornal Batista*, Rio de Janeiro, 14 de maio de 1967b, Ano LXVII, n. 20, p. 7.
- LOPES, Jones Bidart. Tempo para Educação Religiosa. *O Jornal Batista*, Rio de Janeiro, 26 de maio de 1985, Ano LXXXV, n. 21, p. 5.
- MADEIRA. O comunismo e a Escola Dominical. *O Jornal Batista*, Rio de Janeiro, 25 de janeiro de 1962, Ano LXVII, n. 4, p. 3.
- MEAD, J.; SULLIVAN, J. Seventieth Annual Report The Sunday School Board. In: SOUTHERN BAPTIST CONVENTION. *Annual of the Southern Baptist Convention*. Nashville, Tennessee (EUA): Executive committee, Southern Baptist Convention, 1961, p. p. 198, 199.



- NASSAU, Rolando de. Música Nº 148. A Música na Igreja. *O Jornal Batista*, Rio de Janeiro, 11 de junho de 1978, Ano LXXVIII, n. 24, p. 2.
- NASSAU, Rolando de. Música Nº 149. A Música na Igreja – II. *O Jornal Batista*, Rio de Janeiro, 18 de junho de 1978b, Ano LXXVIII, n. 25, p. 2.
- Novo Curso de Educação Religiosa bem aceito. *O Jornal Batista*, Rio de Janeiro, 25 de junho de 1967, Ano LXVII, n. 26, p. 7.
- O Primeiro Congresso Nacional de Educação Religiosa. *O Jornal Batista*, Rio de Janeiro, 22 de setembro de 1985b, Ano LXXXV, n. 38, p. 1.
- O Primeiro Congresso Nacional de Educação Religiosa. *O Jornal Batista*, Rio de Janeiro, 22 de setembro de 1985, Ano LXXXV, n. 38, p. 1.
- Página da Escola Dominical. *O Jornal Batista*, Rio de Janeiro, 26 de janeiro de 1963, Ano LXIII, n. 4, p. 3.
- PEREIRA, José dos Reis. A Primeira Conferência de Educação Religiosa dos Batistas Brasileiros. *O Jornal Batista*, Rio de Janeiro, 16 de janeiro de 1966, Ano LXVI, n. 3, p. 1, 7.
- PEREIRA, José dos Reis. Editorial & Tópicos: A Problemática da Educação Religiosa – I. *O Jornal Batista*, Rio de Janeiro, 25 de fevereiro de 1979, Ano LXXIX, n. 8, p. 3.
- PEREIRA, José dos Reis. Técnico em Educação Religiosa fará preleções no Brasil. *O Jornal Batista*, Rio de Janeiro, 16 de abril de 1967, Ano LXVII, n. 16, p. 1, 2.
- Primeira Conferência Batista de Educação Religiosa. *O Jornal Batista*, Rio de Janeiro, 13 de dezembro de 1951, Ano LI, n. 50, p. 3.
- SEPTIMIO, Olga Pereira. Educação Religiosa – A Alma da Igreja. *O Jornal Batista*, Rio de Janeiro, 3 de janeiro de 1988, Ano LXXXVIII, n. 1, Suplemento Especial de Educação Religiosa, p. 3.
- SMITH, Cathryn L. *Programa de Educação Religiosa*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1967.
- SMITH, Cathryn. SOBRINHO, João Falcão. *Programa de Educação Religiosa*. 6. ed. rev. atual. e ampl. Rio de Janeiro: JUERP, 1995.
- SOUTHERN BAPTIST CONVENTION. *Annual of the Southern Baptist Convention*. Nashville, Tennessee (EUA): Executive committee, Southern Baptist Convention, 1953.
- SOUTHERN BAPTIST CONVENTION. *Annual of the Southern Baptist Convention*. Nashville, Tennessee (EUA): Executive committee, Southern Baptist Convention, 1956.
- SOUTHERN BAPTIST CONVENTION. *Annual of the Southern Baptist Convention*. Nashville, Tennessee (EUA): Executive committee, Southern Baptist Convention, 1957.
- SOUTHERN BAPTIST CONVENTION. *Annual of the Southern Baptist Convention*. Nashville, Tennessee (EUA): Executive committee, Southern Baptist Convention, 1958.
- SOUTHERN BAPTIST CONVENTION. *Annual of the Southern Baptist Convention*. Nashville, Tennessee (EUA): Executive committee, Southern Baptist Convention, 1959.
- SOUTHERN BAPTIST CONVENTION. *Annual of the Southern Baptist Convention*. Nashville, Tennessee (EUA): Executive committee, Southern Baptist Convention, 1960.
- SOUTHERN BAPTIST CONVENTION. *Annual of the Southern Baptist Convention*. Nashville, Tennessee (EUA): Executive committee, Southern Baptist Convention, 1964.



SOUTHERN BAPTIST CONVENTION. *Annual of the Southern Baptist Convention*. Nashville, Tennessee (EUA): Executive committee, Southern Baptist Convention, 1971.

SOUTHERN BAPTIST HISTORICAL LIBRARY & ARCHIVES. *Inventory Of The Clifton Judson Allen Papers AR. 795 - 221*. Nashville, Tennessee (EUA): Southern Baptist Historical Library & Archives, 2011. Disponível em: <https://www.sbhla.org/wp-content/uploads/795-221.pdf>. Acessado em: 01 out. 2021.

SOUTHERN BAPTIST HISTORICAL LIBRARY & ARCHIVES. *William Lewis Howse, JR. Papers, 1929-1958 AR 41*. Nashville, Tennessee (EUA): Southern Baptist Historical Library & Archives, 2011. Disponível em: https://sbhla.org/finding_aids/howse-william-lewis-jr-1905-1977/. Acessado em: 01 out. 2021.

SOUZA, Manoel Avelino de. *O Pastor*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1956.

Um nôvo dia para a Educação Religiosa no Brasil Batista. *O Jornal Batista*, Rio de Janeiro, 21 de novembro de 1965, Ano LXV, n. 47, p. 10.

Bibliografia

AGIER, Michel. Distúrbios Identitários em Tempos de Globalização. *Mana*, Rio de Janeiro, out. 2001, v. 7, n. 2, p. 7-33.

ALLEN, Clifton J. (Org.). *Encyclopedia of Southern Baptists*, Vol. 2. Nashville, Tennessee (EUA): Broadman Press, 1958, p. 1331.

ALMEIDA, Adroaldo José Silva. “*Pelo Senhor, marchamos*”: os evangélicos e a ditadura militar no Brasil (1964-1985). 2016. 310 f. Tese (Doutorado em História) – Departamento de História, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2016.

ALMEIDA, Fábio Py Murta. *Lauro Bretones, um protestante heterodoxo no Brasil de 1948 a 1956*. 2016. 251 f. Tese (Doutorado em Teologia) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

ALMEIDA, Luciane Silva de. “*Missionários do inferno*”: representações anticomunistas dos Batistas no Brasil (1917-1970). 2016. 246 f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

ALVARENGA, Leonardo Gonçalves de. Igrejas Batistas no Brasil: construção de tipologias. *Caminhos – Revista de Ciências da Religião*. Goiânia, 2019, V. 17. Disponível em: <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/caminhos/article/view/6935>. Acessado em: 26 fev. 2023.

ARMSTRONG, Hayward. *Bases da Educação Cristã*. 2 ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1994.

CHARTIER, R. *A História cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Difel, 1988.

CHARTIER, R. O mundo como representação. *Estudos Avançados*, São. Paulo, Jan./Abr. 1991, vol.5, n.11.

CORRÊA, Vitor Hugo Quima. *A construção de uma identidade: a Igreja Batista da Chatuba no neopioneirismo (1958-1969)*. 2023. 467 f. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

COUTROT, Aline. Religião e política In: RÉMOND, René (Org.). RÉMOND, René (Org.). *Por uma História Política*. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003, p. 335, 336.



- CUNNANE, Finola. Religious Education IN: KURIAN, George Thomas; LAMPORT, Mark A (Org.). *Encyclopedia of Christian education*. Vol. 2. Lanham, Maryland (EUA): The Rowman & Littlefield Publishing Group, Inc. 2015, p. 1041.
- FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília Neves. (Org.). *O tempo da experiência democrática: da democratização de 1945 ao golpe civil-militar de 1964*. O Brasil Republicano. V.3. 8. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.
- FOSTER, Charles R. Religious Education Movement IN: KURIAN, George Thomas; LAMPORT, Mark A (Org.). *Encyclopedia of Christian education*. Vol. 2. Lanham, Maryland (EUA): The Rowman & Littlefield Publishing Group, Inc. 2015, p. 1042-1043.
- HOBBSAWM, E. J. *Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- LAMPORT, Mark A (Org.). *Encyclopedia of Christian education*. Vol. 2. Lanham, Maryland (EUA): The Rowman & Littlefield Publishing Group, Inc. 2015, p. 1042, 1043.
- LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 5.ed. Campinas, SP: Ed. da UNICAMP, 2003.
- LEONARD, Billy Jim. Baptist Curricular Outcomes IN: KURIAN, George Thomas; LAMPORT, Mark A (Org.). *Encyclopedia of Christian education*. Vol. 1. Lanham, Maryland (EUA): The Rowman & Littlefield Publishing Group, Inc. 2015, p. 112, 113.
- MEIN, David (Coord.). *O que Deus tem feito*. Rio de Janeiro: JUERP, 1982.
- MESQUITA, Antônio N. de. *História dos batistas do Brasil: de 1907 até 1935*. 2. ed. Rio de Janeiro: Casa publicadora Batista, 1962.
- ORLANDI, Eni P. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 2009.
- PEREIRA, José dos Reis. *História dos Batistas no Brasil*. 3. ed. ampliada e atualizada. Rio de Janeiro: JUERP, 2001.
- PY, Fábio; REIS, Marcos Vinícios de Freitas. Católicos e evangélicos na política brasileira. *Estudos de Religião*, São Bernardo do Campo, v. 29, n. 2, jul./dez., 2015.
- SILVA, Eliane Moura da. Entre religião, cultura e história: a escola italiana das religiões. *Revista de Ciências Humanas*, Viçosa, jul./dez. 2011, v. 11, n.2.
- SILVA, Elizete da. *Protestantismo ecumênico e realidade brasileira: evangélicos progressistas em Feira de Santana*. Feira de Santana: Ed. da UEFS, 2010.